

ANÁLISE DO ARQUÉTIPO DE SUPER-HEROÍNA NA ANIMAÇÃO PARAENSE “ICAMIABAS”

Devi DIAS, (UFF)¹
Gabriel VILAREJOS, (UFF)²

Resumo: Este artigo analisa o arquétipo de super-herói na animação paraense *As Icamiabas*, criada por Otoniel Oliveira e Petrônio Medeiros, tomando como objeto tanto os três episódios de 1 minuto cada, lançados em 2018 pelo Estúdio Iluminuras, quanto o piloto de 11 minutos produzido com recursos da Ancine para a TV Cultura do Pará. O objetivo consiste em compreender como a série reelabora o modelo hegemônico do super-herói, consolidado na indústria cultural estadunidense, a partir de referenciais amazônidas.

Palavras-chave: Arquétipo do super-herói; Animação brasileira; Amazônia.

Abstract/Resumen: This article analyzes the superhero archetype in the Pará-based animated series *As Icamiabas*, created by Otoniel Oliveira and Petrônio Medeiros, examining both the three one-minute episodes released in 2018 by Estúdio Iluminuras and the 11-minute pilot produced with funding from Ancine for TV Cultura do Pará. The aim is to understand how the series reworks the hegemonic superhero model consolidated in the U.S. cultural industry through Amazonian references.

Keywords/Palabras clave: Superhero archetype; Brazilian Animation; Amazônia.

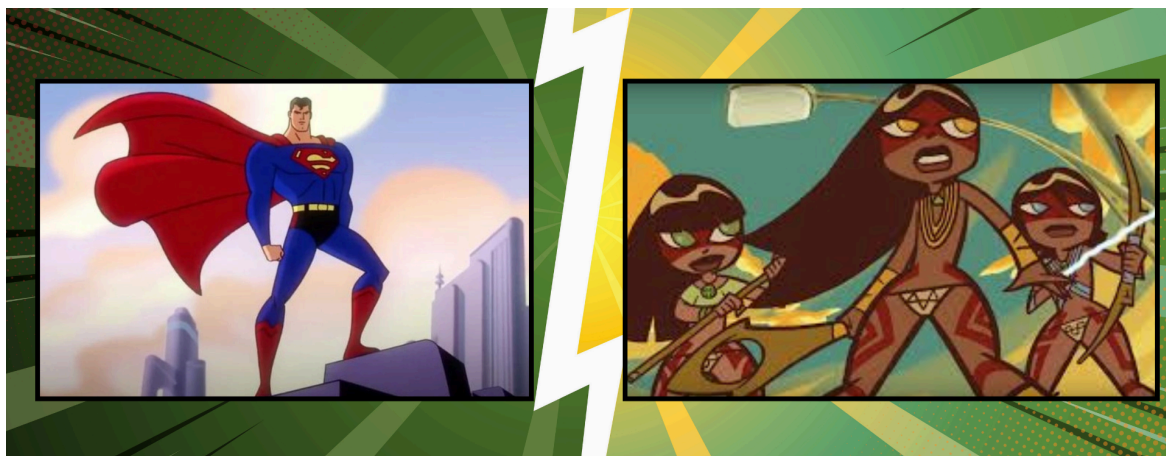
INTRODUÇÃO

O conceito de super-herói é utilizado para designar um personagem fictício com poderes sobre-humanos, além de qualidades e habilidades extraordinárias, bem como uma forma de caracterizar pessoas da vida cotidiana que performam de alguma maneira parecida com o arquétipo – como crianças que dizem “meu pai é um super-herói”, para mostrar sua admiração. Contudo, a origem e influência dessa figura nas diferentes sociedades traz um longo debate sobre nação (ALVES, 2003), religião (REBLIN, 2010) e cultura (CANCLINI, 1999; BHABHA, 1996), nos quais pretendemos nos debruçar neste artigo para compreender como o caso da animação paraense “*As Icamiabas*” (OLIVEIRA, 2018; 2023) se insere nessa discussão (Figura 1).

Figura 1- Super-herói clássico VS *Icamiabas*

¹ Mestranda em Comunicação no PPGCOM-UFF, Bacharel em Estudos de Mídia (UFF). E-mail: jahnvidevi@id.uff.br.

² Mestrando em Comunicação no PPGCOM-UFF, Licenciado em Cinema e Audiovisual (UFF). Email: gabriel-villarejos@hotmail.com



Fonte: montagem dos autores, online, 2026.

A pesquisa se deu a partir de um workshop ministrado por ambos autores na semana acadêmica da Universidade Federal Fluminense (2025) – em associação com o grupo de pesquisa AnimaMídia –, cuja temática era a construção da identidade brasileira nas animações, e uma das animações selecionadas foi a série de curtas “Icamiabas na Amazônia de Pedra”. A partir da construção teórica debatida em sala de aula, perceberam que havia um objeto e problema de pesquisa muito rico, a construção não só da brasilidade, mas também da identidade amazônica dentro de um arquétipo tipicamente norte-americano: o super-herói. Uma narrativa que evoca decolonialidade não apenas a nível internacional – Estados Unidos x Brasil –, como também uma quebra na hierarquia do próprio território brasileiro – Sudeste x Norte.

A animação se passa na cidade de Belém do século XXI, mais especificamente dos anos 2010, em que as guerreiras Icamiabas: Iuna, Laci, Conori e Thyhi, são estagiárias dos deuses e têm como dever proteger a fantástica Cidade Amazônia de ameaças extraordinárias como o esfomeado Mapim-Guari, a cobra grande Boiuna, o totalitário Anhangá entre outros seres encantados. A narrativa tem origem inspiracional na lenda das Icamiabas – prévia a invasão europeia no território brasileiro –, mulheres guerreiras que dominavam com maestria armas como arco e flecha, defendiam seu território e não permitiam que homens chegassem perto de suas casas. Logo após o período de exploração Espanhol, seu estilo de vida foi associado a lenda grega das Amazonas, que posteriormente deu nome a região amazônica³.

Portanto, o objeto de pesquisa consiste no arquétipo de super-heróis proposto nas animações de Icamiabas – tanto os três episódios com cerca de 1 minuto de 2018, produzidos

³ “Icamiabas atacam em animação feita no Pará”. Acesso em 20 de dezembro de 2025. Disponível em <https://coleccionadordesacis.com.br/2016/02/07/icamiabas-atacam-em-animacao-feita-no-para/>

pelo estúdio de animação paraense Iluminuras, quanto o piloto de 11 minutos produzido com recursos da Ancine pelo edital de séries da TV Cultura do Pará. Para delimitar este objeto, dividimos em três capítulos: 1) O que é um super-herói, desde a sua consolidação e influência no Brasil através das HQs, filmes e séries estadunidenses, formando hibridismos e transformando esse arquétipo no processo; 2) A relação tríade entre natureza, ancestralidade e vida contemporânea, que forma a base narrativa da animação Icamiabas; 3) Análise comparativa entre o arquétipo de super-herói clássico, super-herói brasileiro e as super-heroínas Icamiabas estabelecendo as diferenças e similaridades entre cada representação.

ORIGEM E INFLUÊNCIA DO SUPER-HERÓI

Conforme afirma DaMatta, o mito norte-americano do controle da natureza, da morte, do imprevisto e do próprio Deus termina inventando o Super-Homem, o superdetetive, o supercowboy e similares: aqueles personagens, fictícios ou reais, que lutam sós contra algum ser coletivo, visto como o mal e garantem assim o pleno funcionamento da sociedade. A análise destes heróis nos auxilia a compreender a conformação da identidade cultural norte-americana, o seu culto ao heroísmo e, conseqüentemente, sua postura política diante do mundo. (ALVES, 2003, p.3)

Essa interpretação dialoga com a perspectiva histórica proposta por Viana e Reblin (2020), que situam o surgimento dos super-heróis no interior de contextos políticos e ideológicos específicos, como o fortalecimento do individualismo, os avanços tecnológicos e os períodos de crise e guerra ao longo do século XX. Para os autores, tais condições foram fundamentais para a criação de personagens como Superman e Capitão América, bem como para a consolidação posterior dessas narrativas durante momentos como a Guerra Fria. Desse modo, tais super-heróis podem ser compreendidos como produtos históricos que acompanham transformações socioeconômicas e políticas da sociedade norte-americana.

Na construção das narrativas de fundação de quase todas as nações geralmente encontramos a figura do herói redentor, unificador e dono de um caráter reto e idoneidade moral inquestionáveis, que guia seu povo para a libertação da barbárie e instaura um novo mundo de modernidade e progresso. (...) Os heróis seriam, então, mitos fundacionais presentes nestas narrativas. (ALVES, 2020, p. 44 e 45)

Portanto, o super-herói nas diferentes sociedades será aquilo que o contexto onde está inserido precisa que seja. E este contexto, no caso do Brasil, quando começam a surgir super-heróis brasileiros pelos anos 1950 e 1960, implicaria numa forma diferente de

implementação que tiveram os super-heróis estadunidenses, uma vez que teriam diferentes questões socioeconômicas, políticas, morais e estéticas. Nesse caminho, nos questionamos: para qual modernidade os heróis brasileiros estariam apontando? Que parte do passado do país eles estariam representando e com qual interesse? E como isso se mostra na ideia de uma cultura nacional?

Durante sua dissertação, Alves (2020) defende a classificação do herói brasileiro através da paródia, da semelhança e de uma terceira possibilidade: a do herói híbrido. Pela paródia, subverte-se e ironiza o modelo do super-herói clássico, expondo suas contradições quando transplantado para a realidade brasileira. Um exemplo da primeira classificação seria o personagem *Overman* criado pela Laerte que utiliza das referências norte-americanas presentes no senso comum do que é um super-herói para debochar e satirizar as suas características. Enquanto pela semelhança, se reproduz, com poucas alterações, o modelo clássico, mantém-se os seus valores e uma estrutura narrativa próxima. Um exemplo dessa classificação é o super-herói Escorpião, que aparece em evidente semelhança com o estadunidense Fantasma⁴ (Figura 2). Contudo, para o autor, a classificação que seria mais adequada à realidade brasileira é a do herói híbrido, um personagem que combina a utilização de elementos dos super-heróis estadunidenses com a paródia e transgressão desse modelo.

Figura 2- Overman, Escorpião e Fantasma.



Fonte: montagem dos autores, online, 2026.

⁴ Mais informações sobre a inspiração do herói Escorpião, bem como suas reformulações, disponível em: [https://super-herois-brasileiros.fandom.com/pt-br/wiki/O_Escorpião_\(Wilson_Fernandes\)](https://super-herois-brasileiros.fandom.com/pt-br/wiki/O_Escorpião_(Wilson_Fernandes)) acesso: 2 de Março de 2026.

Dito isso, relacionando com as perguntas apresentadas anteriormente, esse hibridismo se mostra como uma importante característica da cultura brasileira que é também levada ao arquétipo de super-herói. Esse hibridismo vai além de um meio termo quando se trata do contexto brasileiro, sendo mais um lugar de disputas e conflitos numa linha do tempo que mistura a violência colonial com a expectativa de um futuro livre da dominação, enquanto o presente ainda é construído.

Alves (2020), em diálogo com Feijó (1984), após apresentar o super-herói Solar de Wellington Srbek como uma construção de herói épico, traz uma crítica marxista sobre esse conceito no qual a crença no herói como agente da história traduz uma desconfiança na capacidade de ação coletiva e opera como estratégia discursiva das classes hegemônicas. Essa ambivalência identificada por Alves evidencia também uma faceta desse hibridismo e suas tensões políticas e sociais dentro da disputa pelo arquétipo de super-heróis.

SUPER-HEROÍNAS AMAZÔNIDAS: UMA RELAÇÃO ENTRE NATUREZA, ANCESTRALIDADE E VIDA CONTEMPORÂNEA

Se pelo lado hegemônico temos cristalizada a figura do herói como um indivíduo que superou a humanidade (FEIJÓ, 1984) – sendo este capaz de prover benefícios como proteção para aqueles que não possuem super poderes –, pela cultura amazônica temos uma visão que se transporta ao espiritual, um “herói” que se encontra nos seres guardiões e protetores da fauna e flora amazônica e da população que ali habita; uma conexão direta com poderes ancestrais originários.

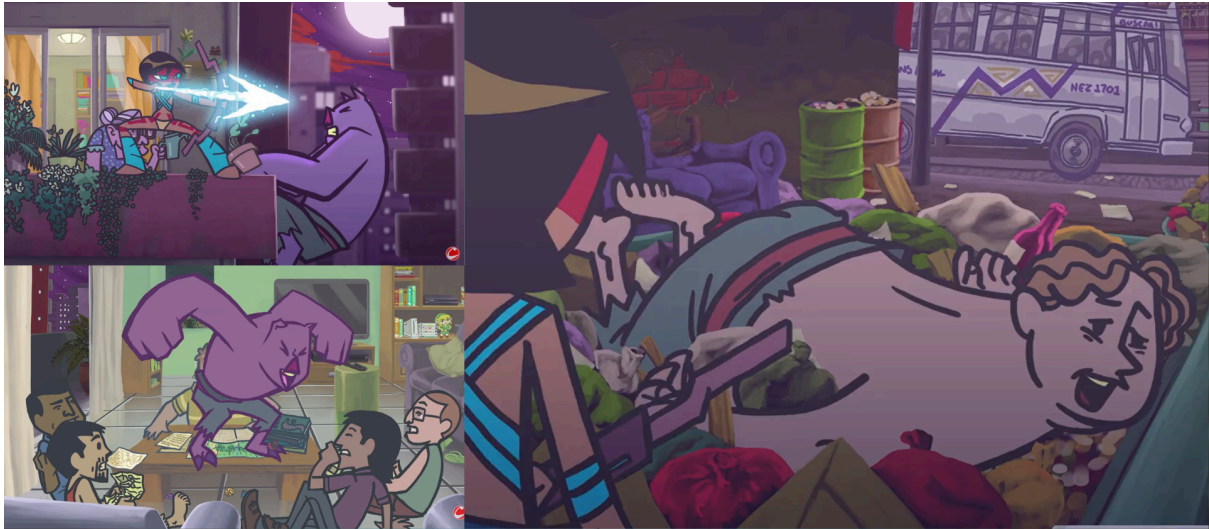
Dentro da vivência amazônica, a relação com óleos, ervas de cura – como óleo de andiroba para infecções e inflamações, e ervas como chá de boldo e espinheira santa para o estômago –, banhos de cheiro (simpatias), são algo rotineiro, uma “receita de vó” tão enraizada culturalmente que não se faz necessário um credo específico para praticá-la. Os conhecimentos originários permeiam o cotidiano amazônico numa união constante entre o ancestral e o contemporâneo (SILVA, 2025; GONÇALVES, 2012). Essa dinâmica se estende não só para saúde, como também para culinária, manifestações artísticas populares, e também com as figuras folclóricas das encantarias amazônicas, como Iara, mula sem cabeça, Curupira, Matinta Pereira, entre outras que ocupam uma relação respeitosa com o imaginário popular.

[...] São saberes construídos ancestralmente, que vêm sendo atualizados e/ou reconfigurados pelas gerações seguintes, sobretudo por meio da oralidade. [...] Trata-se de saberes transmitidos entre diferentes gerações, os quais orientam e sustentam diversas práticas culturais materializadas em experiências de trabalho, modos de vida e formas de relação, apropriação e uso da natureza. (SILVA, 2025)

A população amazônida tem em seu cerne uma conexão viva com a ancestralidade, que por muitas vezes a coloca num estereótipo de “primitivo”. Em “Amazônia, Amazônias”, Gonçalves (2012, posição 110) discorre que parte dessa associação ao “primitivo” atribuída à população amazônida, é derivada da visão de progresso industrial, que enxerga o processo de evolução como uma troca do natural pelo artificial, ou seja, onde há floresta constroem-se estradas, onde há ocas constroem-se prédios, transformando aquele território verde em um ambiente cosmopolita. Pelo fato da população amazônida perpetuar geracionalmente o contato com sua ancestralidade, protegendo a natureza e cultivando suas raízes culturais, ela torna-se primitiva ao olhar colonial por não superar seu “estado de natureza”, configurando a população e região geográfica como não evoluídas. E é este o ponto crucial que distingue a representação de super-heróis clássicos estadunidenses da adaptação dentro do contexto amazônico.

Ao contrário da lógica americana, em que há uma dicotomia clara entre o “bem e o mal” na qual o super-herói ocupa uma posição equivalente a um mártir, uma perfeição ética/moral, enquanto o vilão ocupa o extremo oposto, a imoralidade inescrupulosa, na visão amazônida essas duas extremidades não são absolutas. Da mesma forma que há, culturalmente, uma busca pela preservação do equilíbrio entre natureza, ancestralidade e a vida contemporânea, as super-heroínas da animação “Icamiabas” manifestam essa tríade em cada episódio. Cada situação de conflito se dá pelo desequilíbrio de algum ser encantado – Boitatá, Caipora, etc. – que faz com que ele perturbe a vida contemporânea, tornando-se necessária a ação das Icamiabas não para eliminar, mas para restaurar a ordem, reequilibrar os elementos que compõem a tríade (Figura 3).

Figura 3 - Icamiaba restaurando equilíbrio



Fonte: Youtube, Estúdio Iluminuras, 2018

No episódio destacado na figura 3, “Melhor vir por bem, porco!”, a Icamiaba captura um homem porco, que está rondando a cidade de Belém de noite e destruindo os apartamentos dos moradores, e ao ser capturado, ele volta a sua forma humana, agradecendo a guerreira. Numa narrativa de super-herói tradicional, ambos seriam inimigos mortais e o episódio terminaria com o “vilão” morto ou preso. Já na história amazônica, temos dois seres encantados, a Icamiaba e o homem-porco, cujo destino final é retornar ao equilíbrio natural, ou seja, o homem-porco voltar a ser apenas homem, e com isso, deixar de perturbar a cidade. A guerreira Icamiaba atua como ponto de conexão desse equilíbrio, por meio da sua magia ancestral, ela organiza a natureza e a vida contemporânea.

A partir dessa fórmula, a série conseguiu estruturar uma identidade narrativa e visual única, com episódios envolventes que captam a essência da ação e heroísmo norte-americano, o humor e paródia do herói híbrido no contexto brasileiro, dentro dos códigos e roupagem da tríade de equilíbrio amazônica: natureza, ancestralidade e vida contemporânea.

ICAMIABAS

Alves (2020, p. 47), em concordância com Weber, cita o princípio da predestinação calvinista como uma associação ao papel do super-herói estadunidense. Ainda segundo o autor, essa narrativa do "escolhido" implicaria também em características fundamentais desse personagem: o herói solitário, durão, racional, que luta pelos valores típicos calvinistas como a democracia, a propriedade privada e o capitalismo.

Em contraste, Icamiabas são um grupo de heroínas, identificadas como “estagiárias dos deuses”, que apesar de terem suas individualidades, trabalham em coletivo e para a comunidade. Estão num entre-lugar entre o divino e o comum, podendo se misturar facilmente nos dois aspectos. São duronas, porém menos no sentido de inflexíveis e firmes, e mais no sentido de fortes e valentes. A racionalidade tem espaço dividido com a emoção, o que é fundamental para o desenvolvimento dos conflitos na animação. Já os seus valores, possuem uma origem muito diferente da predestinação calvinista, unindo religiões e conhecimentos ancestrais da região numa leitura moderna. Dessa forma, reconhecemos valores como a preservação cultural e da natureza, o sagrado feminino, a importância da comunidade e a preservação do equilíbrio.

As narrativas dos super-heróis estadunidenses também se inserem num contexto sociocultural em que há a demanda pela ordem, de combater o terrorismo islâmico, o comunismo cubano, ou qualquer outra ameaça ao ocidente que surgisse (ALVES, 2020, p. 48). Nesse sentido, o autor aponta que:

"Ao partir para sua aventura e em seguida derrotar o 'vilão', eles reestabelecem a ordem (uma ordem que ninguém questiona), mas não interferem no status quo, não provocam mudanças sociais substanciais, e assim preservam as diferenças" (ALVES, 2020, p. 54)

Enquanto isso, Alves (2020) analisa como esses conflitos são resolvidos de forma diferente nos super-heróis brasileiros, que ao invés de restabelecer a ordem, eles expõem suas contradições e a questionam. Em vez de atuarem como agentes de recomposição da estabilidade, esses personagens frequentemente expõem a precariedade das instituições, a desigualdade estrutural e a distância entre normas e práticas, recorrendo à malandragem, à paródia ou à subversão como formas de ação. Tal deslocamento aproxima-se da leitura de Feijó (1984), pois, se o herói clássico reforça a confiança na ordem existente ao salvá-la, o herói brasileiro revela a descrença nessa ordem e a necessidade de contorná-la ou questioná-la.

Já no caso de Icamiabas, essa discussão é levada a outro contexto em que a ideia de ordem não é somente questionada, mas que também é colocada em perspectiva com outras realidades brasileiras. A necessidade de encontrar um caminho entre a tradição e o moderno gera a demanda de criar uma nova ordem, o que é feito através da noção de equilíbrio. A natureza se encontra com o asfalto, as cores se dividem entre flores e grafites. Essa nova ordem é a salvação, enquanto o desequilíbrio representa o verdadeiro vilão.

Tabela: Aspectos comparativos entre os arquétipos de super-heróis estadunidenses, brasileiros e das animações de Icamiabas.

Aspecto	Herói Estadunidense	Herói Brasileiro	Icamiabas/Amazônida
Origem	Predestinação divina, missão salvadora	Herói comum, mestiço	Entre o divino e o comum, lendas amazônidas
Traços Psicológicos	Individualista, solitário	Malandro, trapaceiro, cômico, esperto	Coletivo, comunitário, cômico
Corporeidade	Branco, anglo-saxão, masculino, viril	Corpo “ordinário”, imperfeito, cômico ou grotesco	Indígenas, mulheres, jovens
Valores	Democracia, propriedade privada e capitalismo	Improviso, flexibilidade, resistência cultural	Natureza, feminino, tradição em conjunto com o novo
Função Narrativa	Restabelece a ordem sem alterar o status quo	Não restaura a ordem, expõe suas contradições com ambiguidades	Adapta-se a uma nova ordem e suas ambiguidades, buscando o equilíbrio

Fonte: Elaboração própria (2026).

Otoniel Oliveira, que trabalha no Estúdio Iluminuras e é o criador da série junto com Petrônio Medeiros, conta em matéria online para o Brasil de Fato:

Com essa versão maior da série, de 11 minutos, a nossa ideia era tanto expandir o universo quanto expandir a ideia. O grande lance da Cidade Amazônia é que a gente pense em uma Amazônia decolonial, que possa representar um exercício de como a nossa sociedade poderia se desenvolver se a gente tivesse uma outra lógica que não uma imposição europeia de valores e mercados, mas um outro tipo de relação com a vida e com os outros. (OLIVEIRA, 2021)

Essa outra relação que Oliveira fala está diretamente ligada a essa nova ordem e aos valores defendidos pelas super-heroínas amazônidas: a natureza, o feminino, a tradição em conjunto com o novo, o moderno. Ao interligar esses valores com a ideia de equilíbrio, defende-se uma adaptação, uma aceitação factual do passado e presente de colonização e influência estadunidense sem deixar de formar resistência, narrativas decoloniais e novos arquétipos de super-heroínas capazes de nos guiar nesse caminho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do arquétipo de super-heroína na animação *Icamiabas*, criada por Otoniel Oliveira e Petrônio Medeiros, do estúdio de animação paraense Iluminuras, evidencia como a série desloca o modelo hegemônico do super-herói estadunidense não só para um contexto brasileiro, como também para um contexto amazônida, que atende uma demanda urgente de novas narrativas híbridas e decoloniais. Ao dialogar com o modelo clássico de super-heróis, marcado pelo individualismo, pela predestinação e a defesa de uma ordem inquestionada, na animação *Icamiabas* propõe-se outra lógica, voltada para o coletivo, a ancestralidade, equilíbrio entre natureza, tradição e vida contemporânea.

Diferente dos super-heróis que buscam salvar uma sociedade sem alterar a ordem e suas estruturas, as *Icamiabas* atuam na mediação de conflitos que emergem do desequilíbrio entre dimensões coexistentes do mundo amazônico, com respeito e humor. Não se trata de eliminar o “mal”, mas de restaurar relações rompidas, revelando uma concepção menos dicotômica e mais relacional de heroísmo. Dessa maneira, a série articula o referencial de super-heróis estadunidenses com saberes, encantarias e valores locais, consolidando uma outra forma de super-heroína que defende esse equilíbrio.

É uma narrativa que evoca no cenário nacional brasileiro uma roupagem pouco vista do hibridismo – que inicialmente visava satirizar os super-heróis clássicos, mas mantendo os códigos visuais e cadências narrativas estadunidenses –, a representação de um heroísmo genuinamente brasileiro, que tem como base as encantarias/folclore. Há guerreiras(os) no Brasil, há figuras históricas de resistência, proteção e luta, e o modo narrativo que o estúdio Iluminuras escolheu resgatar essa referência, que já é vivenciada pelo povo brasileiro desde antes do seu princípio colonial, é de extrema importância. Carecemos, como nação, de uma memória que lembre as nossas origens potentes, que exalte personalidades do nosso próprio território.

Assim, a série de *Icamiabas* não apenas adapta o arquétipo de super-heroína, como também tensiona suas bases simbólicas, propondo uma nova ordem fundada no equilíbrio. Ao fazer isso, contribui para ampliar o repertório de representações heroicas na cultura midiática e para reafirmar a potência de narrativas amazônidas na construção de imaginários contemporâneos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Bruno Fernandes. **Superpoderes, malandros e heróis: o discurso da identidade nacional nos quadrinhos brasileiros de super-heróis**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação, 2003.

BHABHA, Homi K. 1996. **O Terceiro Espaço. Entrevista a Jonathan Rutherford**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, n.24, p.35-41.

CANCLINI, Néstor Garcia. 1999. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da Globalização**. Rio de Janeiro : Editora

DA MATTA, Roberto. 1979. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar.

DINIZ, Júlio. **Os 500 Anos e a Representação de Identidade na Cultura Brasileira**. On line. Disponível via WWW. URL: <http://www.uc.pt/ciberkiosk>. Arquivo capturado em 20 de maio de 2001.

FEIJÓ, Martin César. 1984. **O que é herói**. São Paulo: Brasiliense.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. 3. ed. – São Paulo : Contexto, 2012. E-book Kindle.

KERBER, Cleiton Luiz. **Capitão América: o herói mitológico estadunidense**. Diálogo, Canoas, n. 34, 2017. DOI: <https://doi.org/10.18316/dialogo.v0i34.3027>.

SILVA, Maria das Graças da; DAMASCENO, Gilmara Natividade; MAUÉS, Karém Maria Gaia. Diálogos interculturais: ancestralidade, saberes socioambientais e trabalho tradicional em contextos de comunidades tradicionais amazônicas. **Revista Educação e Emancipação**, v. 18, p. e-26692, 27 Dez 2025.

VIANA, Nildo; REBLIN, Iuri Andréas (orgs.). **Super-heróis, cultura e sociedade: aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos**. Aparecida: Edições Redelp, 2020. ISBN 978-65-86705-10-2.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei; COLLING, Ana. As super-heroínas das histórias em quadrinhos e as relações de gênero. **Diálogos – Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 15, n. 2, p. 437-454, maio/ago. 2011. Universidade Estadual de Maringá.

BARBOSA, C. (entrevistador). **Entrevista com Otoniel Oliveira sobre a animação “As Icamiabas” negociando ingresso no mercado internacional**. Brasil de Fato, 26 mar. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/podcast/mosaico-cultural/2021/03/26/animacao-paraense-as-icamiabas-negocia-ingresso-no-mercado-internacional/>. Acesso em: 02 de Março de 2026.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de pesquisa**. Rio do Sul: Nova Era, 2006.

MEDEIROS, João Bosco. **Alucinação e magia na arte:** o ultimatum futurista de Almada Negreiros. 1991. 100 f. Monografia (Departamento de Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1991.

MARCONI, Marina de Andrade. Cultura e sociedade. In: LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 1991.